

порт/п
J 99

JYLENKO



SOLO NA FLAUTA

IRYNA JYLENKO

SOLO NA FLAUTA

EDITORA VELHA LAPA
RIO DE JANEIRO
1999

Tradução do Ucrainiano: Wira Selanski
Revisão: Theresia de Oliveira

Série PYSSANKA:

1. Vassyl Gholoborodhko: DIA VERDE (1991)
2. Iván Dratch: ASAS (1993)
3. O Grupo de Nova York: COLMEIA (1993)
4. Mykola Vorobiów: SIGNOS (1994)
5. Valery Chewtchúk: O CAMINHO (1995)
6. Ighor Kalynéts: O FOGO SAGRADO (1997)
7. Lida Paly: LUZES NA ÁGUA (1997)
8. Iván Svitlytchny, Vassyl Symonenko, Vassyl Stus:
O CASTIÇAL (1998)
9. Sofia Maidanska: RIO MONTÊS (1998)
10. Mykola Vinghranowsky: ESTÓRIAS (1998)
11. Iryna Jylenko: SOLO NA FLAUTA (1999)

Capa e colagens: WW

A VOZ DA FLAUTA

A poeta Iryna Jylenko nasceu no ano de 1941 em Kyiw, onde se formou no ano de 1964 na Faculdade de Letras. Trabalhou um certo tempo como professora num Jardim de Infância, depois como redatora de vários jornais. De 1964 em diante dedica-se à criação literária. Neste ano surgiu seu livro *Baladas Bucovinas* e uma coletânea para crianças: *Amadurecem as Espiguinhas*. Seguiram-se volumes de poesias: *Solo na Flauta* (1965), *Auto-retrato em Vermelho* (1971), *Janela para o Jardim* (1978), *Concerto para o Violino, a Chuva e o Grilo* (1979), *A Casa sob o Castanheiro* (1982), *O Último Tocador de Realejo* (1985), *A Cerimônia de Chá* (1990) e *Seleção* (1990).

Em 1996, Iryna Jylenko recebeu o mais alto distintivo literário da Ucrânia: o Prêmio Tarás Chewtchenko, pelo livro *Sarau na Adega Antiga* (1994).

Iryna Jylenko é poeta lírico por excelência, que transforma o cotidiano, muitas vezes cinzento e doloroso, pela magia de sua imaginação. A Natureza é sua cúmplice contra os tabus de pessoas mesquinhas e maldosas, ajuda-a a fugir do mundo pragmático ao onírico, na procura de felicidade, amor e poesia. Relembrando os anos carentes de infância, Iryna solidariza-se com as vítimas da guerra, principalmente as crianças, artistas, esquisitões, bêbados e mendigos, que não podem se defender no mundo desalmado. São-lhe caros o amor conjugal, os filhos, a música e principalmente seu "bloco vermelho" de versos.

De uma cultura vasta e de vocabulário riquíssimo, a poeta usa versos com assonâncias ou com quase-rimas, dando seu discurso a impressão de uma conversa informal, mesmo abordando temas graves em seus poemas mais longos.

W. S.



IRYNA JYLENKO

O gato de ouro reluz no soalho.
Acordo entre sons,
com as mãos separo
o gorjeio.

Em frente, prata-latão do telhado
Meu céu musical
com líquido sol golpeia.

O disparo dos pombos!
Eu ressoo inteira

Com o farfalhar de tenro-aéreas asas.

O disparo dos pombos!
De sua força veleira,

De seu vôo angustiado
meu céu extravasa.

Emudeço...

Na alma, as azuis escalas

Pela espera se espraiam – ondas ao vento.

Depois, dos olhos em gotas resvalam...

Ó felicidade!

Tu és – sofrimento...

(Solo na Flauta)

Os circunspectos camelos
Cruzam infindos desertos...
Nem ânsias e nem desvelos
Abrasam seus áridos peitos.
Em vão a ferosa areia
Aquela viva armadura
Com asas do vento golpeia:
Aceita-a como ventura.
Suas patas – felpudas canoas –
Não entram na areia fundo
E não se esforçam à-toa
Desvendar o enigma do mundo.
Deixam a angústia de lado
Por hoje e pelo futuro.
... Porém os meus pés estão queimados
Por este caminho tão duro.
Meu peito humano sedento,
É sofredor, sem abrigo,
Anseia por asas ao vento
Na fuga de todo o perigo,
Mas devo matar a alegria,
Deitar-me nas dunas ardentes,
Soprá-las com hálito frio
Para as irmãs inocentes.

Que a terra, a qual amo tanto,
Não transforme-se em fogueira,
Não exploda toda em pranto,
Não queime-se como uma estrela

(Solo na Flauta)

CANTIGA DE SÃO JOÃO

Ponho a tarde sobre a minha fronte –
Facetada lazulita clara –
Rindo sigo pela aldeia rente
Ao olor violáceo da seara.

Onde está a janela tão tristonha?
Eu cansei de tanto a aguardar.
E bordada pelas sombras, sonha,
Na cortina, a mão a repousar.

Eu procuro a flor de samambaia
Em centelhas d'ouro e de anil.
Onde está a janela, minha jóia,
Escondida deste mundo vil?

Eu procuro... o lúpulo viceja
Perfumado ao anoitecer.
Revoada das estrelas seja
Minha triste sina de mulher.

(Solo na Flauta)

Socorro! Socorro!

são choupos à tarde,

Acima dos coros de trigo silente.

E o sol, oscilando, caiu sobre as copas.

Morreu mulher. Aldeã. Sem alarde.

Solidão cada dia. E cada estio.

A erva sussurra, o silêncio reina.

Solitário o vento balança frio

A toalha bordada na cruz de pinheiro.

Viveste em losna

até os joelhos

Em boas palavras

até a trança.

Em pólen de flor – laboriosa abelha.

Qual estepe viveste. O orvalho chora

Uma presença que vai embora.

O fecundo olor de cansaço e bondade

Fez a face luzir – pensativa e serena,

Coberta de enxame de sardas douradas.

E dançava nas hortas o agosto moreno...

Tu deste à luz, para mim, o amado.

E meu coração, não nascido ainda

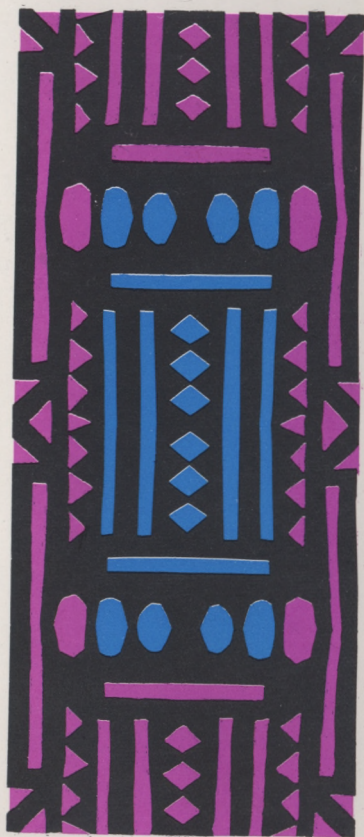
Debatia-se louco do desconhecido

Para perto de ti, para estar a teu lado.

É tudo.

Deixaste teus ganhos na terra:
O filho, das duas mãos duras dores,
E toalhas bordadas – um mundo inteiro
De rubras papoulas e negros pesares.

(Solo na Flauta)



MM

Azulam e sorvem a tarde
Minhas douradas vidraças.
Descem aos ombros pesares:
Séculos,
 prantos,
 espaços...
Arco ardente de viola
Têmporas corta e invade.
Amor,
 maldição,
 desconsolo,
Lágrimas e saudade...
O vento as janelas sacode,
Debate-se, geme e chora –
Meu violino insone,
Queixa do vento sonora.
Devo abrir-lhe a porta?
Sair em noite azulada?
Meu peito rejeita a morte –
Anseia imortalidade.
Sou apenas o instante!
 Eu passo...
E outra, com olhos ternos
Há de fitar as vidraças,

Azuis e profundos e largos,
Sentir os jasmims no terraço...
Nos ombros sustento a carga:
O céu, os tempos e espaços.

(Solo na Flauta)

O sol velhinho cochilou
No banco azul.
É tarde. Tempo de recolher-se.
E pela manhã – espiar qual menino encabulado
Atrás da saia azul da mãe,
E perdendo-se no céu,
Assistir como, na eterna contenda,
Galos vermelhos brigam no horizonte.
Algazarra, corrida, batida de asas!
A penugem vermelha esvoaça pelo céu inteiro,
Até as cercas balançam estacas de choupos.
Que felicidade!

E a triste mulher está no caminho,
Até as sobranceiras trajada de azul...
Espera. Os olhos brotam de lágrimas
E a terra de brotos.
A alma sobe

pelas mãos levantadas ao céu.
A triste mulher está de pé,
Bem no fundo do abismo azul,
E o pequeno sol
Estica para ela sua mão pequenina...

(Solo na Flauta)

Cabelo branco, qual cisne triste,
Caiu com asas de sono.
O céu, desculpando-se, brando, insiste:
É preciso, mulher, é outono.

A razão compreende, não fica magoada,
Os olhos entendem,
 não pedem.
Apenas agostos, hostis à geada,
Lamentam-se, choram, não cedem.

A tília na esquina espanta o sono,
Espalha o perfume fraco.
É preciso, tília, veio outono,
Recebe o cisne branco.

(Solo na Flauta)

Acordo. A casa em ventura banhada!
Abro a janela às bétulas nebulosas.
Em torno da mão – a brisa alada,
Qual de um pássaro jovem cativo as asas.

É primavera. Corrente olorosa,
Deste enevoadado degelo repleta,
Meu casaco esgarça com ímpeto e força
E na manga derrama-me as violetas.

(Auto-retrato em Vermelho)

AUTO-RETRATO

Este momento é meu. Nenhum azar
tira de mim este momento raro.
Purpúrea roda acima do pomar
fogueia e se derrama pelas ramas.

Não haverá jamais outro lugar,
não haverá mais tempo no futuro.
Sob esta roda debes tu me amar
e rir, e rir, enquanto o dia é ouro!

É dia para amar, para lutar,
dia de lida, entusiasmo, raiva,
é de êxtase supremo de criar,
dia de fogo e dia de saraiva.

Quando florescem no jardim mimosas,
amo o silêncio que o instante traz,
agora sou cristã e sou esposa,
inteira de meiguice e de paz.

Eu sou o leve orvalho de verão,
os rios de silêncio passam rente:
que reinem paz, e sol, e devoção,
que reinem formosura e sábia mente!

Contorna o halo anil a fronte qual
pomar de cerejeiras. E serena
florada desce após o temporal.
Auto-retrato em branca cor: Iryna.

Porém, às vezes, sou tomada inteira
por grande raiva, louco temporal,
então, eu sou a bruxa na fogueira,
herética, vampira, ser do mal.

Estou de pé. Minha ira é já tufão.
Bandeira como chama erguida teima.
Que reinem fogo, luta, maldição!
O gosto de uma pira os lábios queima.

Ao rir, levanto o filho qual troféu
e o gládio. E da tez morena
sibila trança – cobra contra o céu.
Auto-retrato em rubra cor: Iryna.

(Auto-retrato em Vermelho)



MM

JANELA PARA O JARDIM

O pássaro grita. O vento é gelado.
A neblina envolve meu pássaro.
Estou parada, trajada de branco,
sob os ramos negros desta árvore.
O pássaro sonha, talvez presente
a primavera, enquanto passam
as folhas.

“Por que com tamanha sede
olho teu rosto, linda moça?”
– pergunta-me o mais formoso dos homens.
Corcunda de frio, apressa-se o bonde.
Ordeno a mim mesma: Não ouça!
Ninguém no mundo saiba de mim,
de meus pesares, de minhas mazelas.
Não sou humana, somente janela,
sou janela para o jardim!
Escorre a lágrima pela vidraça,
pois não há volta a ti e a mim:
afundaremos na nívea florada
das cerejeiras e do jasmim.
Através de uma fúria de lilases
deves maldizer-me e debes louvar-me,
a janela aberta para o jardim.

(Auto-retrato em Vermelho)

TARDE

Correu com sombra e não se deteve...

Com grandes olhos de esmalte
olho para o grande milagre do sol
a balançar-se no meio da orquestra
azul. Crescem árvores brancas
do incenso de estio. Minha mão
deita-se sobre a face
do piano de sol.

Correu com sombra e não se deteve
(da branca manhã à noite branca).

Aura estranha, leve qual cervo,
voou pelo meu perfil sereno...

Acabou. A noite desceu tépida
com cílios sobre as faces.

(Auto-retrato em Vermelho)

ROMANCE PARA VIOLÃO

O inverno virá.
Eu sozinha estarei.
Neve, então, cairá
sobre o branco papel.
Na alma calma terei,
primavera, jasmim,
E a neve virá
até o fim,
até o fim...

Quando a noite chegar –
não encontro lugar,
pois ninguém há de vir,
minha sina é sofrer.
A nevasca a cair,
olhos a escurecer.
O silêncio em mim
tão distante,
sem fim...

(Auto-retrato em Vermelho)

ESTA ALÉIA

Esta aléia leva
ao manancial escarpado.
Onde estou tão alheia?
Donde veio meu leve passo?
De mil flores crescido
está o telhado da casa em frente.
Donde veio nascida
em meu ser a água ofuscante,
explosão de fulgores,
a fera solar de alegria?
Minha casa está em flores,
a procela partira...
Banhado de chuva estiva
ilumina-se na alma o encanto:
lampiões de acácias festivos.
E a aléia cantante...
A praia, a maré conhecida.
Onde estou neste instante?
Donde vem a vontade antiga
de partir do começo? Abrindo
a janela do quarto
ao pomar chamejante, rindo,
começar o caderno:
escrever o primeiro verso.

(Auto-retrato em Vermelho)

GERÂNIO

Escurece o azul celeste:
vem borrasca e vem procela.
Eu coloco numa cesta
as laranjas na janela.

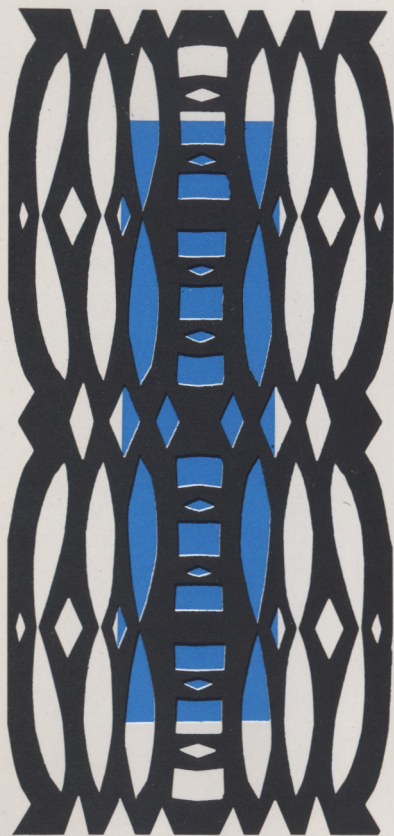
Amanhã será festejo
é silente a casa inteira.
Meu gerânio foi aceso
pelo raio derradeiro.

Os meus passos são tranqüilos
(ou as sombras pela sala?)
As centelhas no desfile
(ou das nuvens branda escala?)

Amanhã terei a festa,
e terei um convidado.
Flores na ânfora celeste,
boa chuva no telhado.

Já clareiam céu e galhos,
o úmido jardim renasce.
O gerânio – em orvalho,
lágrimas em minha face.

(Auto-retrato em Vermelho)



MM

TULIPAS

Tulipas, tulipas,
ardentes tulipas
explodem no peito,
não murcham me – queimam.
Tulipas – no seio,
tulipas – nos dedos,
no argênteo espelho,
em solares cabelos.

E quando eu corro –
do andar apressado,
tulipas encobrem
meus passos alados.
Dos ombros, dos olhos,
das faces felizes
em pétalas chovem
rubores-matizes.

Se venho banhar-me
em riso-menino
não pode esquivar-se
o tufão tulipano.
Eu ando em tulipas,
eu durmo em tulipas,

tulipa-rainha
na tulipa, meu ninho.

Se a flauta ressoa
à rainha-esposa,
descubro a corola
ao toque formoso.
Com grito vermelho
da tribo ancestral
encontro meu filho
no pátrio aral.

Virei à noitinha
da estepe longínqua,
levando sozinha
tulipas, tulipas...
Meu grito ressoa:
trarei ao regaço
teu filho – tulipa
em níveos braços.

(Auto-retrato em Vermelho)

POESIA

I

Não posso poupar-me. O branco papel
É minha poupança de ouro.
Caderno vermelho – é o prego fiel.
Com palmas das mãos não posso

deter esse fluxo da alma fugaz
à matéria alada do verbo;
sou apenas de uma coisa capaz:
triturar a poeira de um verso.

Penetro em casa, igual ao ladrão,
e tudo que nela encontro
oferto, humilde, ao povo então,
mas mendigos até viram rosto.

Reviro o lar da cabeça aos pés:
Agora nada mais tenho,
a minha casa virou ao revés.
(Que casa sem algo por dentro?)

E a última ceia... O vinho e o pão.
(Esqueçam o corpo terreno!)
Já estou sem morada, privada de chão,
entrando em vermelho caderno.

Foram-se o xale e o casaco,
no bolso já – nenhum tostão,
mas o garçom, todo de branco,
vem completar sua missão:

“São sete pratas, sim, senhora!”
(diz cada vez menos gentil).
Sussurro: “Talvez outra hora,
fale mais baixo para mim...”

“Como, madame? Há tantos anos
sempre me diz que vai pagar...”
Gaguejo: “Não possuo ganhos...
Criança...”

“Não posso esperar!”

“Por encomenda faço versos,
É como mendigar um pão...”
O garçom perde o ar severo
E deixa as coisas como estão.

E eu, confusa no pesar,
escrevo, no lugar perdida,

que existem lobos a voar
e têm uns olhos-margaridas,

que arbustos, como os animais,
rastejam ao luar na roça,
que emanam brisas estivais
dos dedos mágicos da moça,

e com feitiço no papel
enredam uma jovem crina...
Com o troféu do falso mel
o grato moço se retira...

Eu reneguei a própria vida
no belo jogo a poetar,
e não sou mais juiz com ira
para parágrafos citar.

Mas quando um dia, no final,
subir a névoa deste inverno,
a vida há de me lançar
ao rosto as folhas do caderno.

“Senhora, pague sua conta!”
E eu consigo só gemer.
“Siga o caminho, em boa hora,
já que é seu modo de viver.”

INSTANTE

III

Findou novembro e dezembro.
e o povo – neve até o peito –
passou... As vozes lentas,
quais patas de ursos, quentes,
abraçaram-me, bafejaram,
largaram-me e se ausentaram...
Agora revolvo sozinha
o instante no meio da cinza.
Afundo o momento ao ponto
de calar em mim o assombro
de passos humanos, vagos,
censuras, mágoas, rogos...
O surdo som da enxada.
torrões derradeiros, mais nada.
Só há de ranger a porta
à eternidade.

(Auto-retrato em Vermelho)

OUTONO

Quedou-se a chuva. Ramos a tremer...
O candelabro, e o bazar vazio.
O sol desceu à praça qual um rio
e nas vitrinas gotas acendeu.

Eu ando pelas folhas nesta praça
ao escutar canções das catedrais,
como se, longe, os montes com pinhais
falando devagar se aproximassem.

Escorrem chuvas... O casaco escasso
não me defende. Vem o anoitecer.
Posso tomar café na esquina e ver
os automóveis, que ligeiro passam.

O bonde disse adeus na escuridão,
e sob a chuva eu fiquei espessa:
estátuas cobriram-se de hera,
cresceu capim junto ao coração.

E aquela casa em rio de desvelo,
que no soalho corre sem parar,
cobriram folhas rubras às janelas,
e nunca mais a porta hei de achar.

(Auto-retrato em Vermelho)



WM

PASSOU O VERÃO

Abelhas – a zumbir canções,
cerejas – vermelhando.
Tu foste alegre, coração!
Alegre e descuidado.

Banhado em cheiros, o verão
lilases vem trajando.
Ó tu, leviano coração,
tu foste tão zangado!

Tens nos joelhos pão e mel,
tomates – bolas lindas.
Sentias fome, lembras bem,
altiva cabecinha?

Tu tens sossego. A festejar
tens sempre quente prato.
Ó coração, tu foste já
outrora tão ingrato!

Não tens nem sede, nem pavor,
nem tristes pesadelos.
O gato jaz no cobertor,
eu bordo e cantarolo.

Abelhas aos enxames vêm

zunir – zumbir na vinha.

Passou o verão.

Passou também

a vida que era minha.

(Auto-retrato em Vermelho)

CONTO DE FADAS SOBRE O LOBO BRANCO

Vivia um Lobo Branco
com pelo de seda, manso.
Seu pai era lobo cinzento,
sofrendo com este evento:
"Meu filho mais branco que a neve,
por que tens olhos serenos?
Grisalho torna-te logo,
fera decente, um lobo.
Uiva, que é tua esposa,
tem cor cinzenta, honrosa.
Teus filhos, lobinhos matreiros,
têm a cor do pelo materno.
Todos amigos cinzentos
riem de ti, em segredo.
Falam de ti, zombando,
que és, é óbvio, vegetariano,
que és sonhador, que na festa
comeste almôndegas de erva!"
Vivia um Lobo Branco,
com pelo de seda, manso.
Às vezes fugia do mato.
Colhia no verde prado
buquês de níveos lírios
para a Galha Emília.

A gralha, tão indefesa,
sonhava também, às vezes.
Era tão branca qual lírio,
sonhando com um idílio.
Sonhava com Lobo Branco,
com pelo de seda, manso,
colhendo os níveos lírios
para a Gralha Emília.

(A Casa sob o Castanheiro)

VERSOS-VIOLETAS

1

Chora a chuva, qual menino
sem carinho, sem afeto.
Invisível no meu ninho,
faço versos-violetas.

Como ontem, hoje é tudo
alegrias e tristezas:
aborreço-me a chaleira –
não importa
Eu desculpo.

Amanhã será qual hoje:
nuvens cinza, chuva meiga.
Mas que cresçam, que floresçam
os meus versos-violetas.

Bate sob o coração
um coraçãozinho.
Escuta condenação
Eva em paraíso.

“Não ocultam o ato vil
longos cachos lindos.
Bordas com a seda anil
as camisolinhas...

Sai do Éden!” disse a voz
à mulher leviana.
E do inferno riu só
Eva cacheada.

Não é drama. Por consolo
é fratura descuidada:
no mau tempo doem ossos
da minha asa arrancada.

Não é drama, nem tragédia,
simplesmente um certo fado.
Só, por vezes, dói o dia
como a asa arrancada.

Jogo os grãos aos passarinhos,
deixo o gato entrar em casa.
Não sou triste, nem sozinha,
mas a estrela verde-clara...



WM

Trilhei caminho claro e limpo
com pensamentos flor-de-lis
a escrever uns livros finos,
e, neste empenho, fui feliz.

Não lembro bem do meu aspecto,
nem de um retrato fui capaz.
Tive algo da paisagem, certo,
e da neblina em cor lilás.

Pensei: subindo esta neblina,
um dia lindo vai sorrir,
surgindo a terra prometida
que tarda aqui na terra vir.

(A Casa sob o Castanheiro)

DESFOLHA-SE A PEÔNIA

Na madrugada, aprendo a voar.
Pelas palmas das mãos emanam as asas.
Entre os dois aviões,
duas peônias em brasa,
o horizonte está retesado...
a repicar
– suave candura –
quando por ele passam
nosso menino azul,
nossa menina cor de rosa
para o futuro.
E nós dois, junto à janela,
grande como a porta do mundo:
tu de camisa rubra,
e em torno o verão fulgura.
Nossa casa perdeu-se em peônias,
vermelhas pétalas acalantam os ares,
trazem alívio, trazem sonhos
ao teto, paredes, jardim ao redor,
a mesa e nós dois
com os nossos pesares
e com nosso amor...

(A Casa sob o Castanheiro)

O pátio anoitece. O pássaro trila
no alto, qual linha que corre ao fim.
A avó faz crochê, a linha se estira,
e o novelo pasta no verde capim,
pulsa e suspira; pois lá o Universo
dorme encolhido. Vem desamarrar
o fio com calma – verás surpreso:
explode o novelo em sítio astral.
Nascem planetas de todas as cores,
cintilando forte nas esferas dos céus.
Numa delas – mira o milagre! Ocorre
o mesmo, vê!

Escurece o pátio. O pássaro trila.
A avó faz crochê, a linha se estira,
e o novelo pasta no verde capim.
A linha longa se estira sem fim.
Grandeza assusta. Não brinca jamais,
Tu, boa avozinha, com estes mundos!
Repousa. Vê: desabrocha o lilás
apenas por um período curto!
“Não temos tempo!” – ouve-se o refrão,
“Ninguém possui tempo em parte nenhuma.
Nós nunca o temos, por esta razão
ele não pode sumir-nos algures...”

A linha corre... o tempo não espera,
só, às vezes, igual a um raio, o olhar –
visão da beleza, fulgor sem par –
na nossa estrada, breve anoitecendo.

E a voz azul intensa murmura:
existe! deves ser, e ser, e ser,
tudo saber, nada esquecer,
por universos crescer às alturas.

O pátio anoitece... O pássaro trila...

A linha sem fim se estira...

(O Último Tocador de Realejo)

CRIAÇÃO DO MUNDO

Primeiro eram as trevas da dúvida.

Depois era a palavra.

E era resposta.

E disse deus: que seja assim!

E deus separou o teto do chão.

E surgiu o apartamento.

Era o Primeiro Dia.

E deus correu à Caixa Econômica, e criou
o conjunto de móveis húngaro e a cozinha pátria.

E deus colocou
no teto o espelho, no chão o tapete.

Eram o Segundo e o Terceiro Dia.

E deus criou, para inveja de seus convidados,
o relógio do antiquário, para separar o instante
do instante, e dia da noite.

E deus criou
o calendário inglês de mesa,
para separar mês de mês e ano de ano.

E deus criou o telefone, a televisão
e o aspirador de pó,
e máquina de lavar, e liquidificador e muitas outras
coisas divinais.

No Quinto Dia deus deu vida às palmeiras e aos cactos,
aos peixinhos e aos papagaios, ao gato siamês
e aos cães-pastores escoceses.

Todas estas criações abençoava

a jovem super-deusa.

No Sexto Dia, deus amassou a argila e começou

a modelar Adão.

E sua jovem super-deusa perguntou-lhe:

– O que fazes, senhor?

– Quero criar um ser humano

conforme minha imagem e minha semelhança,

para que rasgue as calças e puxe

o gato siamês pela cauda, e atire de atiradeira

nas lâmpadas,

e faça várias outras coisas divinais. –

E respondeu-lhe a jovem super-deusa:

– Coisa simples. Daremos conta!

Deus escutou seu conselho e modelou o automóvel.

No Sétimo Dia, o senhor descansou de todos os seus

afazeres.

Dirigiu-se, metendo as mãos nos bolsos dos jeans

americanos, à encruzilhada, onde luzia qual sol

com barriga amarela a botija de cerveja, e onde

ao sol outonal brilhavam copos

repletos de ambrosia divina.

E, esvaziando o décimo segundo copo, deus abençoou

o Sétimo Dia, que se tornou sagrado pelos séculos

[dos séculos.

(Lua na Linha Dourada
em: O Último Tocador de Realejo)

TARDE. NO DOMINGO DE RAMOS

Meu Deus, o que tem minha primavera?
Por que ela veio sem cumprimentar?
Eu tive tanta pena em hibernar,
pensei: a primavera recompensa.

Mas ela nem a neve da cabeça
sacudiu: de urtigas só um punhado
jogou na minha sopa, sem cuidado,
e foi com pressa.

Traição! Traição! Mas tenho que viver,
matar o choro e procurar dar jeito.
No meu copinho – um ramo nu a tremer,
e o sonho primavero no meu peito.

Mas nesta tarde de Domingo santo
de Ramos, aqueceram-me, afinal,
os raios da minha alma, toda em branco.
Talvez, ao menos, ela é imortal.

(Cerimônia de Chá)



MM

O CANCÃ DA LUA

Ressoam ecos do gongo lunar.
Comprei a vassoura e anseio voar!
A saia “maxi” há de virar “mini”,
eu vou à Lua para divertir-me.
Passando por chuviscos estelares,
Eu amo a Lua! – grito pelos ares.
Com ela junto dançarei cancã,
um pulo para lá, um para cá,
sobre campinas, nuvens e cercados,
iluminando pátios e telhados,
as igrejinhas, ruas, e até o gato,
e o bêbado dormindo, e o regato.
Para a menina, junto ao peitoril,
faremos nós um príncipe surgir:
choros e risos, como na paleta,
é a prosa cotidiana do poeta.
Pelas adegas, pelo céu sem fim,
sobre os asfaltos, musicais jardins,
por entre os candelabros celestiais,
ao rádio portátil, antiquado,
nosso cancã será bem animado
até chegar ao pórtico estelar.
E junto à porta da vizinha Estrela
brilha o gerânio calmo na janela,

soleira dorme em fraldas-margaridas,
e nós nos despedimos: Até a vista!
O sol já nasce em Dó-maior,
a Lua perde a cor.
Ela pra lá, eu pra cá,
Acabou-se o cançã!

(Cerimônia de Chá)

VENDEDOR DE VENTURA

Passaram os dias, chegaram quimeras,
ao reino dos versos – as portas abertas.
As máquinas roucas espantam estrelas,
as portas abertas às queixas-mazelas.

Canteiro de flores gelou na sacada,
acima penderam chuviscos lavados.
As damas floridas são pura loucura
olhando a vitrina “Comprai a ventura!”

Nos níveos rostos, com grito florido
abriram-se bocas, quais cravos no prado:
“O que traz vantagem: ventura furada,
ou novo casaco de pelo dourado?”

O que é a ventura no gélido corpo?
As damas preferem lareira com fogo.
Em negra casaca e máscara, chora
o dono da loja da pura ventura.

Colega, o mundo foi sempre perverso:
fechemos a loja e o bloco de versos.
Nós ambos falidos perdemos a fé:
convém uma xícara de café.

Pois vãos são os versos, e vã é a ventura,
só vale o café, dourado e puro.
“Bravo, poeta! É assim que se fala!
Tem alma brava!”

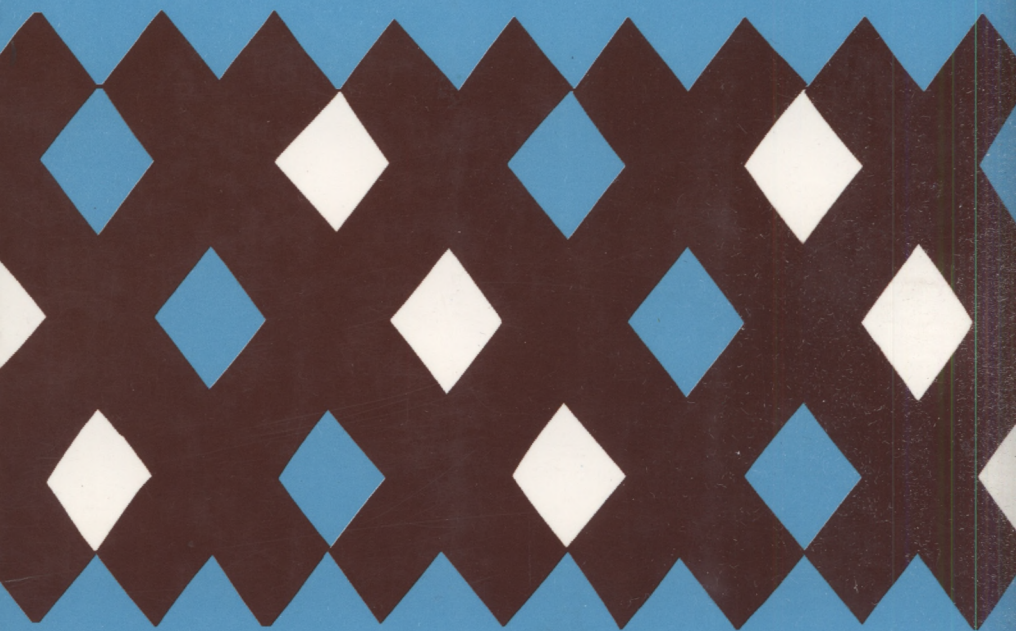
(Cerimônia de Chá)

ÍNDICE

	Página
A VOZ DA FLAUTA	5
O gato de ouro	9
Os circunspectos camelos	10
<i>CANTIGA DE SÃO JOÃO</i>	12
Socorro! Socorro!	13
Azulam e sorvem a tarde	16
O sol velhinho cochilou	18
Cabelo branco	19
Acordo. A casa em ventura banhada!	20
<i>AUTO-RETRATO</i>	21
<i>JANELA PARA O JARDIM</i>	24
<i>TARDE</i>	25
<i>ROMANCE PARA VIOLÃO</i>	26
<i>ESTA ALÉIA</i>	27
<i>GERÂNIO</i>	28
<i>TULIPAS</i>	30
<i>POESIA</i>	32
<i>CAFÉ KHRECHTCHATYK</i>	33
<i>INSTANTE</i>	35
<i>OUTONO</i>	36
<i>PASSOU O VERÃO</i>	38
<i>CONTO DE FADAS SOBRE O LOBO BRANCO</i>	40
<i>VERSOS-VIOLETAS 1</i>	42
<i>VERSOS-VIOLETAS 4</i>	43

	Página
<i>VERSOS-VIOLETAS 12</i>	44
<i>VERSOS-VIOLETAS 15</i>	46
<i>DESFOLHA-SE A PEÔNIA</i>	47
<i>MOIRA</i>	48
<i>CRIAÇÃO DO MUNDO</i>	50
<i>TARDE, NO DOMINGO DE RAMOS</i>	52
<i>O CANCÃ DA LUA</i>	54
<i>VENDEDOR DE VENTURA</i>	56

Printed in Brazil



33 / 1